



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CANTINHO DOS RAPAZES

De há muito penso que as vossas férias são válidas. Merecidas por quem não conhece frequentemente tempos vazios (apesar das nossas imperfeições...), elas são revitalizantes e também para vós uma experiência mais próxima do real.

Está dito e redito que férias são, essencialmente, uma diversão da vida habitual. Requerem tempos de distração e de relaxe, o que não significa ausência de actividades. Para vós, são uma ocasião de mais intensa responsabilidade, porque de ausência de «costas mais largas» a que se endossem os pequenos problemas que o dia-a-dia traz. É um tempo de apelo a uma solidariedade maior entre todos que constituem o grupo para que não sejam demasiado sobrecarregados uns, em proveito de outros, nem os chefes, a quem cabe o governo da pequena comunidade. Que ninguém levante dificuldades que possam sombream a boa disposição geral que se pretende. Creio que, geralmente, tudo tem corrido bem. Ainda assim há sempre qualquer senão que põe à prova o brio e a energia dos mais responsáveis. Num dos turnos, uma aventura de um «aventureiro» tradicional, teve como consequência o regresso prematuro dele e dos cúmplices, estes ainda mais culpados porque com outra obrigação de reagir, o que não fizeram. Em outro turno, um lembrou-se de vir, por sua conta e risco, à festa de Paço de Sousa. Quis «abraçar o mundo às mãos ambas». Como o seu tempo de praia coincidisse com a festa, ele não quis prescindir dela e veio. Resultado: ao regressar à praia os chefes fizeram-no regressar mesmo de vez a casa e assim se lhe acabaram as férias antes do tempo.

Foi este caso, até, que me sugeriu este cantinho. Os chefes que, dentro de dias, iniciarão a sua vida militar,

Continua na QUARTA página

TRIBUNA DE COIMBRA

● Temos Papa. É João Paulo I. Foi a boa notícia que foi dada a todo o mundo na tarde de sábado. «Homem bom e santo» como é tido pelo povo de Veneza. Homem sempre dedicado às crianças, à juventude, aos Pobres — dizem os que o conhecem.

Filho de família humilde. O pai, operário vidreiro, foi emigrante na Suíça como mineiro. A mãe foi empregada doméstica num pequeno hotel, para poder criar os filhos.

Homem simples e jovial, amante do diálogo. Sacerdote e bispo pastoral, irá ser Papa na mesma linha. Servir com humildade. Servir todos os homens, com cuidado especial pelos Pobres, pelos sem importância. Ainda há pouco disse a uma multidão que o escutava: «Os verdadeiros tesouros da Igreja são os Pobres, os sem importância que devem ser ajudados não só com esmolas ocasionais, mas de um modo que se possam promover.»

A promoção dos Pobres, dos sem importância, dos sem voz, dos sem vida, irá ter acolhimento especial no coração do novo Papa, como já o tiveram os seus antecessores.

Que Deus o alente e o ajude a ser feliz na condução do Seu Povo.

● Temos Governo. Promete ser Governo para governar. O Povo português está cansado de desgoverno.

Os homens escolhidos prometem ser independentes, prometem ser isentos.

Esperamos que estas promessas e nossas esperanças, não sejam frustradas. Esperamos e necessitamos de homens que sirvam com independência e com isenção. Homens que trabalhem, que promovam e

ajudem a trabalhar. O trabalho é a grande fonte de riqueza e o grande meio de promoção. Trabalho ordenado e consciente.

Pedimos a Deus que ilumine os nossos homens de Governo e pedimos a estes homens se deixem iluminar e conduzir por essa luz para bem de todos os Portugueses.

Padre Horácio

AQUI LISBOA!

«As orgias desmoralizam; são fontes de revolta e fazem revoltados.» (Pai Américo)

A desmoralização crescente da sociedade portuguesa é um facto incontroverso, que muitos não sabem como será possível suportar. De demissão em demissão, por egoísmo ou falta de capacidade de resposta, as pessoas, mesmo com responsabilidades, vão-se deixando narcotizar, esquecendo que a derrocada virá pelo trabalho lento e corrosivo da desagregação moral. A História ensina, aliás, que os grandes impérios ou civilizações sossobraram quando se deixaram prostituir pelos vícios e corrupções dos mais variados tipos. E a História repete-se, tendo por fundo as mesmas causas ou outras equivalentes.

Sendo a família o cerne de toda a estrutura social não admira que seja o alvo das forças apostadas em destruir ou abastardar os princípios e finalidades que ela comporta. O sentido dos compromissos tomados vai-se esborrando em todos os quadrantes; uma visão edénica da vida, feita de prazer e de facilidades, é a meta de muita gente; os filhos são um estorvo e, portanto, não amados, porque também não queridos; a noção de sacrifício e o valor do trabalho são desprezados; a busca de expedientes desonestos é espectáculo comum; a Justiça é «slogan» para, muitas vezes, praticar a iniquidade e negar a solidariedade que a todos deve envolver e animar; o nepotismo e a corrupção atingem

dimensões avassaladoras; para muitos só existem direitos, olvidando os correlativos deveres. Enfim, são apocalípticos os tempos em que nos situamos.

«Todo o progresso que quiser ser verdadeiro tem de ser um regresso ao Evangelho», disse Pai Américo. Só nesta óptica, acrescentaremos nós, o homem se libertará das suas limitações e dificuldades, próprias e alheias, no respeito pela sua própria dignidade e pela dos outros. Os cristãos têm, como é óbvio, neste aspecto, particular responsabilidade na vivência da Doutrina que dizem professar, no cultivo das Virtudes, no amor à Verdade e na autenticidade e na coerência do agir. Ao contrário, o seu «cristianismo» será traição e desaforo, a atrair as maldições do seu Deus.

■ «Por erros que ninguém quer admitir e culpas que ninguém confessa, vemos-nos hoje a braços com legiões de crianças abandonadas.» São palavras de Pai Américo, afi com 30 anos, de uma actualidade irrefragável, como, aliás, a maior parte dos seus pensamentos e escritos, ao invés dos de mui ilustres, embora inconsequentes, teóricos contemporâneos.

Todos os dias e através dos mais variados canais nos surgem pedidos de socorro, pelo

Cont. na 4.ª pág.



A miséria alastrada na Capital, ante a passividade dos responsáveis! Os olhos tristes destas crianças, nas circunstâncias em que vivem, são uma acusação.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

MÚSICA — No momento em que escrevo ainda não se realizou o Festival Amador de Música Portuguesa, em Cete, e no qual iremos participar. Mas quando o jornal chegar às vossas mãos já sabemos quem perdeu ou ganhou!

Entretanto, os nossos recreios têm sido passados na sala de ensaios a preparar melhor as canções que, depois de uma pré-selecção, irão ficar habilitadas ao prémio.

Vamos lá ver como nos iremos sair, agora que temos viola ritmo e baixo, bateria... e boas vozes.

Enquanto isso, bem perto da nossa sala de ensaios podem ver-se os mais pequenos, entre eles: Tó, Manel, Cibinho, João, «Gagá» etc., dando espetáculos ao vivo, tomando por bateria umas latas e por violas umas tábuas com cordas. Os micros são varetas de ferro apanhadas perto do serralheiro. A ideia destas festas já não é só de agora, mas... ainda persiste.

«Por vezes zargateiam uns com os outros, mas sempre acabam por se entender! Continuem, pois é uma das muitas formas com que se pode aprender a fazer qualquer coisa que mais tarde terá os seus proveitos!»

PIQUENIQUE-CONVÍVIO — Há dias realizou-se na nossa mata um pequeno convívio de alguns dos nossos casados, visto não poderem estar todos presentes.

A gravura documenta a notícia e muitos leitores devem identificar alguns.



O grupo do piquenique-convívio de alguns dos nossos casados.

Assou-se sardinha, fez-se caldo verde, foram cozidas batatas, etc. Um dia em cheio e com boa disposição.

Parece-me que o seguinte piquenique será feito a nível de Gaiatos saídos ou ao serviço da Obra, de todas as Casas. É este o pensamento que pode vir a ser realidade!

AGRADECIMENTO — Chegou a máquina de costura que se pediu na última crónica, pela mão de um senhor que, num sábado à noite, ao deitar, leu a crónica. Ele é de Marinhas — Salvaterra de Magos (Santarém). Possuía uma máquina da esposa, e depois que ela faleceu nunca mais foi usada. No domingo de manhã apareceu cá em Casa com a máquina quase nova e muito boa. Foi

convidado a almoçar connosco. Não aceitou. Preferiu ir almoçar a outro sítio.

Desde já lhe agradecemos. E dizemos, também, que a senhora ficou muito contente quando recebeu a máquina.

Um obrigado muito amigo em nome dela.

Alguns amigos escreveram-nos possais oferecendo outras máquinas. Logo que nos seja possível iremos buscá-las, pois há muitos casos destes e como não os podemos atender todos...

Bem hajam!

BATATA — Este ano, após a sua colheita, podemos verificar que temos bastante mais que o ano passado.

Já temos as prateleiras do celeiro todas cheias e ainda alguma no chão, à espera de ser comida. A batata que servirá de semente para o ano, já está a ser escolhida por alguns dos nossos Rapazes.

FESTIVAL DAS VINDIMAS/78 — Já está em preparação o «2.º Festival das Vindimas» para atletas filiados e populares que disputarão, aqui em Casa, variadas provas desportivas.

Desde 16 e 17 a 23 e 24 de Setembro serão disputadas várias modalidades tais como: damas, natação, ténis de mesa, atletismo, etc.

Todos os interessados apitem para o Desportivo da Casa do Gaiato para se inscreverem.

Entretanto, resta-nos assinalar que a Direcção Geral dos Desportos também contribuiu com uma ajuda monetária para compra de prémios e para

sol, para nos pormos morenos, não prestam.

Reinou, por lá, um pouco mais de boa disposição visto que estávamos em férias. Houve, também, alguns dias de nevoeiro, o que levou muitos Rapazes a ficarem em casa já que o tempo não estava satisfatório para o banho.

Os encarregados do turno foram o Miguel e o Tónio Póvoa que deram tudo por tudo para que o turno corresse da melhor maneira; mas mesmo assim não correu como esperávamos!

De qualquer maneira não queremos deixar de agradecer à Fábrica das Conservas, de Vila do Conde, que nunca falta com as suas 25 latas de atum que ajudam muito nas ementas.

Resta simplesmente desejar boas férias a todos os que lá se encontram.

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

(IN)JUSTIÇA SOCIAL — Hoje foi um dia cheio. (Por isso, lembra-se gente desocupada, por esse mundo fora, que fala, tem muita(s) teoria(s), mas fica-se por aí, divertindo-se no céuinho da sua constelação.)

Primeiro caso: um antigo funcionário de um departamento oficial de assistência social que, entretanto, muda de nome. O departamento, que não o funcionário...

O nosso homem prestou lá serviço durante anos. E como acontecia em alguns departamentos, não descontava para a pensão de reforma!

— Só depois d'eu sair (na década de 60) é q'les começaram a descontar.

O Estado exige aos outros...

Deu voltas (e dá) para que lhe seja feita justiça. O Sindicato ainda abonou subsídios, até 1974, para remediar. Mas, depois, cancelou! Tinha de ser verdadeiramente miserável para gozar das prerrogativas! Estavamos longe de supor que o meio sindical enfermasse de deformações deste género, pois que pretendem ser mestres no capítulo de Justiça Social.

Ora o nosso homem, pela nossa mão, escreveu, há dias, para a Secretaria de Estado, expondo exactamente a sua situação — está condenado à cegueira — e clamando justiça. A resposta não tardou. «Veio num ápice!» — exclama com voz forte e velada satisfação. Mas esclarecendo que o contentoso fora recambiado para a Caixa Geral de Apontamentos.

Como acontece na trama burocrática, vamos esperar. E... receosos de um indeferimento, que não diria bem do Estado e, agora, da própria Constituição que nos rege.

AUTO-CONSTRUÇÃO — No fim de um dia inteiramente dedicado aos Outros, acompanhámos um Auto-construtor, já nos preparamos da armadura para telhar a sua moradia. Queria um «pequeno auxílio» de, pelo menos, cinco contos, exactamente para comprar telha. Ouvimos a sua cruz,

idêntica à de muitos outros, mas sempre com pormenores dignos de nota. Mostra os calos da mão esquerda, que a direita segura o filho.

— Tá a ver... É pena as férias estarem já no fim!...

— Então porquê?

— A coisa estava a ir de vento em pêpa. Não tenho gasto, na obra, dinheiro em salários, que um grupo d'amigos tem-me dado a mão. É quase só em materiais. A gente gasta um ror de contos!...

— Com'e que V. meteu ombros a uma obra destas?!

— Não há casas p'ra alugar. Os filhos a crescer. As rendas é o que V. sabe. De maneira que a solução é construir. Mas, até começar, foi o diabo! Escritura, plantas, licenças, burocracia...

— E do ponto de vista material?

— Tudo quanto a gente amealhou está empregue na obra. Agora..., es-tou afliito!

É um trabalhador evoluído. Jovem. Sensato. Bom chefe de família.

Falámos de empréstimos. Estudámos processos. Mais voltas. Mais tempo perdido. Mais dinheiro gasto. Mais papelada — e da grossa. Mais um calvário!

PARTILHA — «Aqui estou de novo a cumprir os meus votos de 100\$00 cada mês, mas como tenho estado fora, em tratamento — esclarece uma leitora de Lisboa, de nome Quitéria — não me foi possível mandar. Parece que só mandei até Abril e só sei pelo jornal. Peço que apliquem o dinheiro onde for mais preciso, mas gostava nos velhinhos ou doentes.» Cumprimos.

O assinante 9790, de Oliveira do Douro, traz sempre Mensagem:

«Junto um cheque de 500\$00 para as despesas da Conferência e agradeço o anonimato habitual.

Ouso pedir uma oração ao Céu para que todos sejamos revestidos de um grande espírito de humildade e assim Deus nos dê a Graça de termos os verdadeiros valores da vida e, deste modo, não falte a Paz no mundo e com ela haja pão em todos os Lares.»

Agora, os costumados 1.000\$00 da «Assinante do Seixal». Do Porto 100\$00, «migalhina habitual para os nossos Irmãos», da assinante 11162. Lisboa, 200\$00 da rua das Amoreiras, «minha ajuda dos meses de Julho e Agosto». Boas férias!

Oeiras, 400\$00 «para um Pobre muito pobre, pedindo-lhe uma oração». São duma leitora afilissima, «em risco de desemprego», monstro que aflige e sacrifica milhões de homens no mundo, onde há tanto que desbravar! Fenómenos cíclicos do grande capital. E não só...

Outra vez Lisboa com 100\$00 de «velha Amiga». E mais 250\$00 da rua Rodrigues Cabrilho, também da capital: «Peço uma oração para que nós, que temos férias, as saibamos aproveitar para um encontro com o Senhor, que está presente nos Outros». Uma assinante de Gaia com 200\$00. No Espelho da Moda: 100\$00 da assinante 19177, 500\$00 da n.º 13519 e um discreto sobreescrito com 50\$00.

Mais 250\$00 da rua Pascoal de Melo, Lisboa, presença que nunca

falta, solicitando anonimato. E 100\$00 de Mafra. Damos a palavra àquele vicentino de Lisboa, sempre tão oportuno:

«Há um belo livro intitulado «Cristo que passa». Com efeito, Cristo passa constantemente ao nosso lado, à nossa frente, atrás de nós na pessoa do Pobre carecido de auxílio; do doente que necessita de amparo; do instalado miseravelmente que precisa de uma casa decente; do inválido que urge ajudar; do rico solitário que neurasteniza no meio das suas riquezas; nas páginas de um livro ou de um jornal que se lê; num programa de cinema, da TV ou da Rádio para aplaudir ou reprovar, etc.

Creio já ter dito que Cristo tem passado, também, por mim várias vezes nas colunas de O GAIATO. Desta vez no número de 12 de Agosto, na pessoa daquela Mãe jovem que está a levantar uma casa nova com muito sacrifício. Precisamos de uma ajuda...»

O vicentino não podia ficar insensível a este apelo de Cristo que passa e pede ajuda. Aqui vai, pois, uma pequena ajuda (5.000\$00). Se já não for precisa à jovem Mãe, dar-lhe-ão o destino que melhor entenderem.»

Temos uma série de Auto-construtores à espera de «pequenos auxílios», nunca inferiores a 5.000\$00 cada um.

Mais 20 dólares e uma encomenda de Vancouver (Canadá), pedindo orações.

Uma grande Amiga de Aveiro marca presença com 1.000\$00 «pelo nascimento da minha terceira netinha» e «para que Deus nos torne menos egoístas, lembrando-nos mais dos nossos Irmãos necessitados».

Viseu com 20\$00, de um cliente da nossa tipografia. E, por fim, mais 2.000\$00 da «Assinante do Seixal»; que responde, com certeza, ao nosso apelo da última edição.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Benguela

ANIVERSÁRIO — No passado dia 4 de Agosto, foi dia de festa em nossa Casa. Celebrámos mais um aniversário da ordenação sacerdotal do nosso querido Padre Manuel.

Começámos primeiro com a nossa Missa, ao fim da tarde.

No ofertório solene, aproveitámos o momento para lhe oferecermos umas prendas muito simples.

Seguidamente tivemos o jantar festivo acompanhado pelo conjunto. Depois de todos terem entrado para o refeitório cantámos o Hino ao Salvador.

Tudo isso foi uma surpresa para o nosso Padre Manuel, pois não conta com esta manifestação dos seus queridos filhos.

Digo-vos que o nosso Padre Manuel não gosta de festas, nem de prendas, mas tem que compreender



Novos Assinantes de «O GAIATO»

É sempre muito rica esta coluna de novos assinantes de O GAIATO! E a gente pulsa com o entusiasmo deles.

No entanto, cresce o número de leitores que tomam a iniciativa de motivar a infância e juventude do seu meio familiar. Um trabalho muito frutuoso! De Leça da Palmeira até pedem «o favor» de mandarmos «o nosso querido jornal para a minha netinha que vai fazer dois anos!». E com uma justificação: «é para ela ir crescendo e aprendendo a amar a Obra da Rua». Que bem!

Sintra, na mesma linha de rumo:

«Há muito que andava a arranjar coragem para pedir aos outros três filhos, que faltavam, para serem assinantes de O GAIATO. Mas, como sou por natureza muito acanhada, só agora consegui o que pretendia. Afinal, todos o fizeram com grande boa vontade.»

Já que estamos a falar de jovens, vale a pena ouvirmos um deles:

«Sou de Coimbra. Sou jovem. Tenho 15 anos. Estudo no Li-

ceu Nacional D. Duarte. Ando no 9.º ano. Sou católica.

Tenho ido a várias Festas da vossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

E melhor eu ir já direita ao assunto que me fez escrever:

Um domingo (como todos os domingos) fui à Missa à Igreja de Santa Cruz, cá em Coimbra, onde estavam uns gaiatos a vender o vosso jornal. Como gosto imenso de o ler, comprei. Dentro vinha uma ficha de inscrição. Inscrevi-me como assinante e mais uns amigos meus, que também lhes agrada bastante ler O GAIATO.»

Passam, agora, leitores-avulso que resolvem — e muito bem — vincular-se como assinantes.

Cascais:

«Horroriza-me ir a Lisboa! Só o faço por extrema necessidade. Uma cidade linda e agradável transformou-se num montão de lixo, sob todos os aspectos! Mas fui forçada a ir lá no passado dia 1. Entrei na Basílica dos Mártires para rezar. A porta, um rapaz vendia O GAIATO. Comprei-lho. Ainda bem. Há muito que não lia nada tão bom como «Aqui, Lisboa!».

Quero assinar O GAIATO.»

que um dia destes deve ser comemorado, porque bem o merece, pelo caminho que tem para com os seus filhos, quantas vezes triste pelos problemas que surgem, mas sempre pronto a trabalhar para uma humanidade melhor.

É de realçar o seu magnífico trabalho ao longo destes tantos anos na construção da nossa Aldeia, com certas dificuldades, mas lá vai conseguindo vencer.

Peçamos a Deus que o ajude a trabalhar para esta Obra de que tanto necessitamos.

No final do jantar dirigimo-nos para o salão de festas onde decorreu um convívio, até cerca da meia-noite.

E termino esta minha pequena crónica desejando, em meu nome e em nome de toda a comunidade, os nossos melhores parabéns ao sr. Padre Manuel e que Deus lhe conceda longos e felizes anos de vida.

O CASAMENTO DO SOLANO E DA BETY — Foi no dia 22 do passado mês de Julho que se realizou mais um casamento de um Rapaz criado e feito homem na nossa Casa do Gaiato de Benguela.

Foi cerca das 17 horas de sábado, na Capela do Mosteiro Mãe de Deus, onde o sr. Padre Manuel uniu, pelos sagrados laços do Matrimónio, estes dois seres que se conheciam, prepararam e quiseram tornar-se um só.

Cerimónia muito simples onde participaram muitos convidados que deram uma boa colaboração ao acto que se estava a realizar com muita alegria.

Simples foi também o «copo de água» que se seguiu à cerimónia onde reinou a boa disposição de todos os participantes.

É mais um casal-gaiato a juntar ao já numeroso grupo existente daqueles que formaram família e com quem a Obra conta, estando ou não directamente ao seu serviço.



O Solano e a Bety

Desejamos ao Solano e à Bety as maiores felicidades e que pela vida fora teñham sempre presente aquele momento em que livremente disseram Sim ao Senhor, aceitando com ele todas as responsabilidades, momentos felizes ou não felizes que a vida lhes reserva.

Ao novo casal Solano e Bety enviamos os nossos parabéns.

Carlos Alberto

Pombal:

«Tenho lido O GAIATO uma vez por outra, visto que ando a trabalhar, e é com grande expectativa que ando à procura do vosso distribuidor nesta vila. Este jornal dá-me tudo o que no meu entender se harmoniza com os ensinamentos deixados por Jesus Cristo. Por isso, desejo que me mandem todos os informes possíveis respeitantes à minha inscrição como assinante de O GAIATO.»

Seguiu logo o jornal, sem mais quê.

E que dizer dos corajosos, dos destemidos que, sem gran-

des alardes, motivam seus companheiros de trabalho?! E de outros que espreitam sempre a melhor oportunidade de conquistarem todos os amigos da sua roda para as fileiras de O GAIATO!?

«Envio, com muito prazer, a indicação do nome e morada de mais dois amigos interessados em assinar o «nossos» jornal» — afirmam de Mem Martins. São «mais dois amigos interessados», sublinhamos, pois a maioria dos proponentes vão compreendendo este critério razoável. Pesos mortos, não. «Amigos interessados», sim. Muitos!

Temos, ainda, novos assinantes de Parede, S. Mamede de Infesta, Aveleda (Cafde), Cascais, S. Pedro da Cova, Olhão, Matosinhos, Miramar,

Fiães (Feira), Verdemilho (Aveiro), Gondomar, Gulpilhares, Fátima, Amadora, Santo Tirso, Penafiel, Charneca da Caparica, Paredes, Fundão, Esgueira, (Aveiro), S. Martinho do Porto, Cete, Tires, Ermesinde, Ovar, Cacia, Vila do Conde, Espoende, Rio Tinto, Paços da Serra, Cova da Piedade, Linda-a-Velha, Castelo da Maia, Capela (Lagares), Corroios, Alfena (Ermesinde), Castelo Branco, Marinhais, Porto e Lisboa e Coimbra mais uma data delas. Por fim, portugueses espalhados pelo mundo: do Luxemburgo, Schopfheim (Alemanha), Minas Gerais e Salvador da Bahia (Brasil).

Júlio Mendes

Os livros de Pai Américo

□ «Comecei o meu perodo de férias. Para serem repousantes e silenciosas, escolhi Laimego. Para mudar de leituras e fazer alguma meditação espiritual, tomei como livro de horas e como primeira leitura, a modos de aperitivo, o DOUTRINA que há meses me enviaram. Para agradecer a Deus este tranquilo infcio, vai a lembrança do cheque junto.

Li em dois dias, sem me sofrear, o DOUTRINA. Sinal de que fui impaciente, de que não o analisei, de que, afinal, não o pude meditar. Mas ficou a impressão da formosura com que a verdade é dita, do gracioso humor do contista, incisivo e edificante, que foi Padre Américo, da singeleza e profundidade do Evangelho quando vivido, das estocadas a preceito, aplicadas no momento oportuno e no lugar certo, de modo a ferirem fundo a dura carapaça do nosso egoísmo, de um modo de ver sem névoa nem preconceitos e de conviver natural com os rapazes e com os homens, educando-os e aprendendo.

Como professor já entradote (34 anos de officio), continuo aprendiz como se fosse iniciado, sobretudo nas leituras de Padre Américo, que me têm proporcionado o reflectir, às vezes violentando-me, sobre conceitos inultrapassáveis, porque são de sempre, como por exemplo a saúde de alma traduzida no rir de dentro, à gargalhada; a justiça na desigualdade; a omnipotência da simplicidade; a eloquência da verdade dita sem arrogância mas com serena firmeza; a beleza de expressões literárias que traduzem certos comportamentos onde a tónica é a sinceridade — por exemplo: «eles não dão as mãos (cumprimentos) mas dão os olhos...; o resolver com calma; a confiança no Próximo como chave-mestra da porta que dá para o caminho da honestidade (a regra), só raramente falhando (a exceção); o dilema à ma-

neira evangélica: se uma obra é de Deus, permanece — não há que discuti-la; se é só do homem, cai por si — não vale a pena discuti-la; a vida não é só cuidar cada um de si, etc., etc.

Numa palavra, para terminar e resumir as lições, práticas e teóricas (também!) deste volume do DOUTRINA: é um livro, de ponta a ponta, edificante; pode ler-se ao calhas como sucede com a Imitação de Cristo.

Um abraço em Cristo deste mau cristão, vosso amigo...» — LISBOA

□ «Recebi os livros DOUTRINA, etc., segundo minha encomenda.

Não me enviaram nem preços, nem como pagar! Deixei passar uns dias para ver se vinha alguém cobrar a dívida... nada!

Sendo assim resolvo enviar pelo correio a quantia de 250\$00. Não sei se cobre a despesa, mas só não me alargo mais porque este mês é muito difícil para mim.

No entanto, estou pronta a rectificar a verba, caso esteja estabelecido mais pelos preços dos livros.

Há muito que desejo mandar umas palavras de gratidão pela Obra da Rua, mas sinto-me sempre tão pobre de expressão que acabo sempre por desistir.

Vivo com Pai Américo no coração: «Evangelho em marcha!» Essa acção que não deixa morrer a Fé em nós, Fé que por vezes se sente abalada com os testemunhos dos Homens responsáveis por transmiti-la...» — PORTO

□ «Junto remeto um cheque para pagamento do livro BARREDO.

É ponto assente que com esta importância nem eu nem ninguém poderá pagar o conforto espiritual que advém das pa-

bras, plenas de justiça social (de que tanto se fala agora!), do Padre Américo.

Por isso, eu e todos os meus lhe estamos infinitamente gratos.» — COIMBRA

□ «Só hoje me é possível acusar a recepção do 2.º volume do DOUTRINA, mais um livro admirável do inesquecível Padre Américo. Deveria tê-lo feito há mais tempo, mas os muitos afazeres profissionais não me permitiram cumprir com mais presteza este tão grato dever.

A recepção de um livro de Padre Américo constitui sempre para mim motivo de grande prazer espiritual e também um conforto moral de que tantas vezes necessito, mormente nos tempos em que vivemos.

Na verdade, a sua leitura é um poderoso desintoxicante dessa verborreia que diáriamente nos satura através da Imprensa, da Televisão e da Rádio. Estou farto de demagogia, de incitamentos ao ódio entre os portugueses, enojado por tanta imoralidade que campeia impunemente no País.

Ao fim de uma semana de trabalho intenso, porque eu, graças a Deus, ainda pertenço ao número daqueles que realmente trabalham, sinto uma necessidade premente de recrear o espírito e de procurar uma evasão fugaz deste mundo sórdido, cruel e egoísta em que tenho de viver quotidianamente.

Eis porque sinto imensa alegria quando recebo um livro de Padre Américo. É sempre leitura sá e edificante, que nos obriga a meditar e a tomarmos consciência plena das nossas imperfeições, do muito que poderíamos fazer em prol dos nossos Irmãos pobres e que olvidamos por egoísmo ou comodismo. Nos livros de Padre Américo há uma vivência genuína de Cristianismo e neles perpassam autênticas páginas do Evangelho.» — VISEU

RETALHOS

● Vêm bater à nossa porta os mais diversos dramas humanos. Filhos sem pais, mães sem marido para partilhar os problemas do crescimento dos seus filhos, homens a quem a mulher fugiu deixando filhos por criar, famílias sem casa, vícios, doenças, velhos abandonados. Gente sobrecarregada com o peso da cruz perante quem nos sentimos pequenos, no respeito que nos merece a dor dos Outros.

Ainda há pouco uma mulher me veio procurar. Tem 54 anos. Gasta.

— Tive vinte filhos. Dez morreram com meningite. Três meninas no espaço de 27 dias. O único filho que me ajudava

quando podia, trabalhava em França, teve um acidente, tem estado inutilizado. Ao longo destes anos tenho feito tudo. Andei com um grupo dos meus filhos a pedir, trabalhei onde consegui trabalho, vendi nas feiras. Tenho os nervos num molho, vivo à base de calma, o coração por um fio. Os meus filhos mais novos têm 10 e 13 anos. Já não tenho força nem coragem para os criar. O médico diz que me posso ficar de um dia para o outro. Vinha ver se os podia trazer para a Casa do Gaiato para aqui se fazerem homens dignos...

● Sem vivermos uma caridade eficaz, sem uma assistência social capaz, quantas pessoas se têm visto a braços com problemas e dificuldades para além das suas forças. Só a heroízide aguenta. São os heróis da miséria. Não vêm nas primeiras páginas dos diários, não espantam a opinião pública, mas são verdadeiros heróis.

A justiça humana é rota, falha. Vive em cima dos nossos pecados. Por isso somos cegos, só vemos o que brilha, passamos indiferentes à verdade.

● Nos dois últimos domingos as leituras da Missa convidavam os cristãos a meditar sobre a Fé. Nunca é demais fazê-lo. A Fé viva, incarnada, vivendo na inteligência, no coração, no sangue, seria a luz que nos permitiria ver mais longe, aproximar-nos-la da verdade, levar-nos-a a viver de outra forma. A Fé fraca não é operante, nada realiza, consente a injustiça, deixa correr. A Fé aumenta com o esforço

de cumprirmos a vontade de Deus. Só assim seríamos o Sal da Terra. De outra forma o que somos?

Levassem sempre as nossas palavras, os nossos gestos a intenção de construir a Paz e renovariam a face da Terra.

● Escrevia-nos, alguém, há poucos dias, no sentido de contarmos mais vezes histórias dos rapazes como o fazia Pai Américo. Falta-nos o espírito de observação, a poesia e a profundidade com que ele o fazia. Mas atendendo ao pedido aqui vai uma.

Temos há pouco tempo connosco dois rapazes de sete anos. Um, com tal compostura e sossego que nos espanta a todos. Tudo explica em pormenor.

Põe nas palavras os acentos respectivos, diz todos os «obrigados» e «faz favor» no momento exacto, reza com devoção, está sempre no lugar certo, alegre no recreio, amigo de todos e com boa vontade para trabalhar. Até o seu nome inspira serenidade: chama-se Bento. O outro já tem alcunha: é o «Samoca», olhos malandros, desenfiado sempre que pode, veste-se de lavado agora e daqui a 10 minutos, mal se conhecem os desenhos da camisa, respira azougue por todos os poros.

Ora acontece que um dia destes houve festa aqui na nossa Aldeia e lembrei-me de os chamar para saber as suas impressões. Esperava-as diferentes e não me enganei.

— O Bento, o que viste na procissão?

— Vi Nossa Senhora.
— E tu, «Samoca»?
— Vi gaitas a tocar.

Padre Abel

O GAIATO N.º 900

Nem todos dariam fé. Por isso, à última hora, damos ao facto o merecido relevo. Vamos a caminho do número 1.000!

A primeira edição saiu a 5 de Março de 1944. Há 34 anos. No fundo da primeira página, uma nota de Pai Américo, encaixilhada, avisava os leitores: «Aparece hoje O GAIATO e regressa no terceiro domingo do mês, à mesma hora, e assim por diante, todos os 1.º e 3.º até ao fim do mundo».

Não mudou de rumo, nem de formato. O que era, é. E será, querendo Deus, «até ao fim do mundo».

Júlio Mendes

RECORTE

O GAIATO... e os gaiatos

De tudo o que vi, e ouvi, no Gaiato, ficou-me, por vezes, uma ideia pouco clara acerca de várias coisas. Mas aprendi também muito sobre a vida.

O Gaiato é uma Casa que serve de lar a muitos jovens e crianças que não têm família ou cujas famílias não têm possibilidade de os manter. A Casa tem uma quinta onde há muitas árvores e animais.

O trabalho da quinta, que não é pouco, é feito unicamente por jovens do Gaiato. Aquelas que não trabalham na quinta, estão nas oficinas em Setúbal, ficando muitos nesse trabalho definitivamente. Há ainda os vendedores do jornal O GAIATO, que o vão vender a lugares bastante afastados. Assim, o Gaiato vive do produto do trabalho dos seus habitantes e do contributo de algumas pessoas.

Dentro da própria quinta há uma Escola Primária, onde as crianças começam a ser instruídas. É aí, também, que se dá Catequese, fora da hora das aulas. Pela Televisão os mais velhos podem seguir a Telescola.

Durante a visita que fizemos o que me impressionou muito foi a ternura demonstrada pelos mais pequenitos. Muito sérios a princípio, eram, depois, facilmente conquistados por um sorriso e duas palavras brincalhonas. Um deles colheu um ramo de flores do campo e ofereceu-o a uma senhora que passou a acompanhá-lo e de quem se tornou amigo. Outro, que começara por se esconder desconfiado, encostava a cabeça no ombro de uma rapariga. Tinham necessidade do amor de uma mãe.

Uma pergunta importante teria surgido a alguns que visitaram o Gaiato: onde estão os pais dos gaiatos? O que os

levou a deixá-los? Talvez a sua curiosidade tenha ficado satisfeita pensando que esses pais são pessoas sem coração. Contudo, atrás disto há, muitas vezes, vidas desfeitas, vidas sem rumo.

Muitas das crianças são filhos de pais desconhecidos e de mães que, não querendo recusar-lhes a vida antes de virem ao mundo e não podendo alimentá-los nem dar-lhes um lar digno, são obrigadas a confiá-los a outras mãos. Outros conhecem os pais, mas não podem viver com eles por falta de meios económicos e vivem na esperança de uma visita. Outros ainda entraram para o Gaiato já conhecedores da dureza da vida e de tudo o que há de mau no mundo. Para estes torna-se muitas vezes difícil a adaptação.

Seria tão bom que não fosse necessário a existência de Gaiatos e outras Casas semelhantes! Mas isto só seria possível numa sociedade bem estruturada, em que todas as pessoas tivessem direito a um trabalho digno e a um lar com pai e mãe. Mas, na realidade, neste momento ainda são necessárias Casas como a do Gaiato, onde muitos jovens e crianças possam ter uma vida digna e saudável, que lhes é devida.

Nós não podemos ficar de

CANTINHO DOS RAPAZES

Continuação da PRIMEIRA página

agiram como deviam. Estão lá nessa qualidade para alguma coisa. Ninguém tinha o direito de sair sem dar cavaco. E eles tinham o dever de dignificar a sua missão.

O que não está certa é a atitude de outro, que com eles vai também assentar praça, e que à vista do culpado tem esta exclamação:

— E mandaram-te embora só por isso? Agora que estão para ir prá tropa...?

Como se este facto legitimasse uma demissão da disciplina em troco das boas-graças que poderiam conquistar do indulgenciado! E decreto este os prezará mais, encontrando-os assim exigentes, no seu lugar — o que significa a remissão do seu atrevimento, compensado por esta prova de carácter.

Nesta hora de partida para uma nova etapa, quero deixar aqui o meu regozijo pelo amadurecimento revelado pelos dois chefes em causa. E ao contestatário que reflita na lição e na sua levianidade, para um amadurecimento que se impõe, se quer ser considerado, como seria justa sua idade, um homem.

Padre Carlos

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pág.

correio, pelo telefone e pessoalmente. Nas terras onde temos ido falar raro é que não nos surjam casos dolorosos. Ainda no outro dia vieram dois moços de Cascais. Há instantes, de Santarém, por exemplo, um S. O. S. de uma Assistente Social. Ontem, aqui no Tojal, dois sacerdotes presentes, por um filho de emigrante, cuja mãe resolveu abandonar o lar. Enfim, «as legiões de crianças abandonadas» não são ficção ou sonho, como muitos julgam ou pensam.

Doloroso e não menos importante, pelos números e pelas situações, é sem dúvida o aspecto dos «órfãos» com pais vivos, mesmo em plena coabitacção, oriundos de todas as situações sociais. Muitas das vezes, além de não termos soluções na manga, nem sabemos o que dizer. Pela nossa parte, porém, desejaríamos assumir a parte dos erros e das culpas que nos cabem, tomando sobre nós, se possível, mais e melhor, as nossas próprias responsabilidades.

● O responsável duma Casa destas está sempre sujeito às mais diversas tensões, revestindo múltiplas facetas. Os chefes de família conscientes saberão compreender melhor do que ninguém. No momento em que escrevemos baila-nos no espírito a preocupação com dois dos nossos que vão ser operados, talvez amanhã, um à garganta e outro ao coração, este já referido nestas colunas. Uma coisa, porém, nos consola: se fôssemos o senhor Director reagiríamos de outro modo. Aqui fica o desabafo em partilha fraterna com os Amigos que nos leem e acompanham a nossa vida.

Padre Luiz

lado, comodamente, a dizer «coitadinhos»!

E se colaborássemos com os responsáveis destes e de outros Gaiatos?

E se dissessemos não às injustiças sociais que há por aí?

Se fizéssemos assim, um dia não haveria Gaiatos e todos os gaiatos teriam o seu próprio lar.

Fátima Coelho

(in «Tribuna do Povo» — Seixal)



Director: Padre Carlos

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Tel. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa